

## REPRESENTAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DO ORIENTADOR NA FORMAÇÃO DO PESQUISADOR NA PÓS-GRADUAÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE COMENTÁRIOS *ON-LINE* DE PÓS-GRADUANDOS<sup>1</sup>

REPRESENTATIONS ABOUT THE INFLUENCE OF THE ADVISER ON THE RESEARCHER'S EDUCATION IN GRADUATE STUDIES:  
A DIALOGICAL ANALYSIS OF POST-GRADUATE STUDENTS' *ON-LINE* COMMENT

Nara Karolina de Oliveira Silva<sup>2</sup>

José Cezinaldo Rocha Bessa<sup>3</sup>

### RESUMO

Interessados na compreensão em torno da rede de dizeres e sentidos sobre o fazer de orientadores e orientandos na pós-graduação e as dinâmicas de suas relações, objetivamos, neste estudo, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação. Fundamentados em princípios linguístico-filosóficos do pensamento do Círculo de Bakhtin e em trabalhos de estudiosos que tematizam a atividade de orientação na pós-graduação e a constituição do sujeito pesquisador, realizamos uma análise interpretativa de um conjunto de comentários *on-line* coletados no *Blog Pós-graduando*. A análise aponta que os dizeres expressos nos comentários reverberam que o orientador influencia decisivamente a formação do pós-graduando quando ele acompanha de forma efetiva o orientando na (re) definição do tema de pesquisa, na escrita do texto científico, nos exames de qualificação e de defesa de dissertação ou tese e ainda quando oferece condições para que o mestrando ou doutorando não desista do curso. Os resultados indicam, por fim, que um acompanhamento efetivo e a parceria entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando realize uma pesquisa bem-sucedida e construa uma relação positiva com o orientador e com a própria formação no decorrer da pós-graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orientador. Formação do pesquisador. Pós-graduação. Comentários *on-line*. Círculo de Bakhtin.

### ABSTRACT

Those who are interested in the networks of words and meanings about the relationship between student and adviser in graduate school and the dynamics of their relationships, we aim at analyzing the representations constructed by graduate students about the influence of the adviser during the researcher's education in the graduate studies. Based on linguistic-philosophical principles of the Bakhtin Circle's thought and on works by scholars who approach the activity of postgraduate advising and the constitution of the researcher, we carried out an interpretivist analysis of a number of on-line comments extracted from blog *Pós-graduando*. The analysis indicates that the sayings uttered during the comments resonate that the adviser influence decisively on the

<sup>1</sup> Este texto constitui um recorte, com reformulações e aprofundamentos, do trabalho de pesquisa intitulado *Significações sobre a atividade de orientação na Pós-Graduação: uma análise dialógica de comentários on-line de pós-graduandos*, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Avançado de Pau dos Ferros.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), [karolinanara7@gmail.com](mailto:karolinanara7@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0001-5306-4161>

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), [cezinaldobessa@uern.br](mailto:cezinaldobessa@uern.br), <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>

education of the graduate student when he/she effectively accompanies the advisee in the (re)definition of the research theme, in the writing of the scientific text, in the qualification exams and defense of the dissertation or thesis and even when he offers conditions for the master's or doctoral student, don't give up the course.

**KEYWORDS:** Advisor. Researcher Education. Graduate studies. On-line reviews. Bakhtin Circle.

## Introdução

Com cada vez mais frequência, temos escutado de pós-graduandos, em salas de aulas, em encontros de orientação, nos corredores da universidade, em palestras e encontros de pesquisa, em espaços de interações *on-line* (seja em *blogs*, seja em comunidades ou em grupos do *facebook*, dentre outros), que a formação na pós-graduação *stricto sensu* tem sido, para muitos estudantes, uma experiência extremamente desafiadora, sofrida, angustiante e, até mesmo, um verdadeiro martírio.

Embora tenhamos acumulado uma expressiva e relevante produção científica sobre essa temática em nosso país (ver, dentre outros, os trabalhos reunidos em Bianchetti e Machado (2002), a atividade de orientação na pós-graduação se mostra ainda uma problemática sobre a qual pairam muitos questionamentos e inquietações. Não por acaso, na pluralidade de vozes que ecoa em nosso meio, a influência negativa do orientador apareça, geralmente, como uma das queixas de pós-graduandos para o insucesso no mestrado ou no doutorado, quando não para o sofrimento e/ou adoecimento (BRAMBILA, 2019; CRUZ, 2020). Não por acaso, também, uma experiência de pesquisa e de formação mais tranquila e confortável por parte de pós-graduandos costuma estar, por sua vez, associada ao papel do orientador, considerado peça fundamental para o andamento efetivo da pesquisa e elaboração do trabalho do orientando (FALASTER; FERREIRA; GOUVEIA, 2017).

O fato é que a orientação, o papel e a função do orientador na pós-graduação são vistos como aspectos decisivos na experiência de pesquisa e de formação de um mestrando ou doutorando, conforme ressalta Carlino (2005). No entanto, parece haver entre os sujeitos envolvidos na cena da pós-graduação muitas incertezas e incompreensões sobre atribuições e responsabilidades do orientador e do orientando no decorrer de uma investigação nesse contexto, aspectos estes que, a nosso ver, têm reflexos diretos nas relações e práticas desses sujeitos, com consequentes prejuízos para a formação oferecida e a qualidade das produções científicas desenvolvidas.

Vemos, assim, que a relação orientador-orientando, a influência do orientador no desenvolvimento da pesquisa e na elaboração do trabalho, bem como os papéis de cada um desses sujeitos nesse contexto, são permeados por um tecido de vozes de múltiplas e (in)tensas significações em discursos expressos por pós-graduandos, (re)produzindo representações as mais diversas sobre seus orientadores e suas práticas. Consideramos, portanto, que uma escuta atenta dessas vozes e suas significações pode contribuir para uma melhor compreensão das práticas de orientadores e orientandos na pós-graduação, bem como das dinâmicas de suas relações. Nesse sentido, nosso objetivo é, fundamentados na perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação flagradas em comentários *on-line* do *Blog Pós-graduando*.

Nossa escolha por analisar comentários *on-line* do *Blog Pós-graduando* parte da compreensão de que, nesses espaços digitais, emergem relatos de experiências, impressões pessoais e avaliações sociais que configuram práticas discursivas repletas de valorações e representações, muitas delas, inclusive, nem sempre reportadas, nos espaços formais de ensino e de pesquisa, a professores e/ou orientadores acadêmicos, tampouco em trabalhos de pesquisa que têm utilizado, por exemplo, instrumentais como entrevistas e questionários.

Além da novidade de abordar essa temática no campo dos estudos da linguagem, mais especificamente de um ponto de vista discursivo na perspectiva dialógica, acreditamos que este trabalho é relevante enquanto possibilidade de escutar esses sujeitos e melhor compreender seus pontos de vistas, suas expectativas e seus modos de se relacionar com a experiência de pesquisa e de orientação na pós-graduação *stricto sensu*. Isso porque nos debruçamos sobre o exame de um conjunto de enunciados expressos em um espaço de trocas interativas, no qual os pós-graduandos parecem se sentir muito à vontade para compartilhar entre si suas experiências, bem como suas valorações e representações sobre tais experiências.

Para alcançar o nosso objetivo, estruturamos o presente texto da seguinte forma: além desta introdução, na qual apresentamos a proposta do trabalho, temos uma seção de discussão teórica, em que reportamos as ancoragens teóricas centrais do nosso estudo, uma seção de metodologia, na qual descrevemos o percurso metodológico traçado para o empreendimento da investigação, a seção de análise e discussão, em que realizamos o exame dos comentários selecionados, e a seção de conclusão, na qual sintetizamos nossos resultados e tecemos nossas considerações finais.

## 1. Linguagem e construção de sentidos na perspectiva dialógica

Ancorado na perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (mais precisamente nas formulações de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), este estudo assume a compreensão de que a construção de sentidos nas interações humanas ocorre por meio de enunciados concretos. De acordo com essa ancoragem, o enfrentamento analítico da linguagem humana pressupõe considerar as relações dialógicas e ideológicas expressas pelos sujeitos na construção de seus enunciados.

Segundo a perspectiva delineada por Volóchinov (2019), “tem-se uma elaboração da ideia de enunciado como um território em que se encontram diferentes posições ideológicas” (COSTA, 2017, p. 132) dos sujeitos envolvidos na interação verbal. Isso significa que, nas atividades interativas humanas, mais especificamente, nos comentários *on-line* que analisaremos, há sempre um (in)tenso embate de vozes e sentidos travados pelos sujeitos. De acordo com esse ponto de vista, entendemos que a compreensão de determinado enunciado implica considerar a indissociável relação da linguagem com a vida dos sujeitos. Assim, como observado por Volochínov (2013, p. 158, grifos nossos), “[...] **seria uma tarefa desesperada** tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus **vínculos com a efetiva situação social que as provoca**”.

O caráter ideológico que permeia os dizeres dos enunciadores é, portanto, intrínseco a todo e qualquer enunciado, desde as réplicas mais simples, como as conversas cotidianas, até formas mais elaboradas e complexas da interação humana, como tratados científicos e romances. A ideologia não é, assim, um mero fenômeno do mundo interior, construído na mente dos sujeitos, mas uma tomada de posição destes em suas relações sociais expressa concretamente em signos. A matriz ideológica que atravessa a unidade material de todo signo resulta da ligação da linguagem com a vida concreta dos sujeitos, com as dinâmicas das relações e transformações sociais e históricas, como bem acentua Volochínov (2013).

Aquele que enuncia, portanto, se põe todo no enunciado e incorpora neste o dizer do outro para quem ele se dirige, num movimento essencialmente dialógico e ideológico. Segundo esse entendimento, o crivo da avaliação social é um elemento que caracteriza o enunciado como um evento singular e único na cadeia de comunicação discursiva. A avaliação social, conforme Medviédev (2016, p. 183, supressão nossa), pode ser entendida como a “atualidade histórica [...] que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora”. De acordo também com Medviédev (2016), além de revestirem os enunciados de novos sentidos, as avaliações sociais determinam a construção do enunciado, desde a escolha das palavras até a sua organização/estruturação composicional.

A propósito ainda das avaliações sociais, Volóchinov (2019) destaca que estas podem seguir diferentes critérios (políticos, religiosos, éticos, cognitivos etc.), os quais estão diretamente relacionados à situação extraverbal do enunciado. Para o autor, o sentido de um determinado enunciado está ligado ao acontecimento discursivo, pois somente no contexto de uso a palavra se preenche de um caráter avaliativo. Isso porque cada esfera da atividade humana tem um modo particular de apreender e significar a realidade, de modo que os pontos de vista que os sujeitos lançam sobre o mundo, as pessoas, os objetos, etc são formas de representá-los construídos no interior das relações sociais dos sujeitos (VOLOCHÍNOV, 2019).

Nesse sentido, o enunciado é uma espécie de arena em que muitas vozes entram em embate em busca da verdade, da aceitação, do perdão, etc. (BAKHTIN, 2010). Nesse embate ideológico e dialógico, o sujeito assume uma posição; logo, seus dizeres expressarão um ponto de vista valorativo. Segundo esse entendimento, ao enunciar, o sujeito responde a um já-dito e age, discursivamente, sobre o outro para quem se dirige. O dizer do sujeito, por esse prisma, “[...] formando-se num clima do já dito, [...] é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser reforçado e antecipado pelo discurso responsivo” (BAKHTIN, 2015, p. 52, supressão nossa).

Desse modo, assumimos que todo dizer é sempre uma tomada de posição em uma rede ininterrupta de diálogos e de sentidos, em que um sujeito responde a um já-dito e age sobre o outro e suas palavras. Nessa linha de compreensão, “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor” (FARACO, 2009, p. 66) que se manifestam em enunciados concretos. Esses índices constituem as avaliações sociais que se manifestam também, por exemplo, nos comentários

*on-line* sobre a atividade de orientação na pós-graduação que tomamos, neste estudo, para análise das representações que os pós-graduandos constroem sobre a influência do orientador na formação do pesquisador.

## 2. A orientação na pós-graduação e a constituição do sujeito pesquisador

Para Soares e Luchese (2014), a constituição do sujeito pesquisador é um processo que se inicia antes da entrada oficial do estudante em um programa de pós-graduação. Conforme as autoras, esse processo tem início já na fase de seleção de leituras, com o delineamento de questões com as quais o estudante se identifica, e a formulação de um problema de pesquisa que ele deseja resolver e, conseqüentemente, a elaboração de um projeto de dissertação ou tese para concorrer ao ingresso em um curso de mestrado ou doutorado. É importante acrescentar que, para alguns, esse processo pode começar já numa fase de iniciação científica, na qual estudantes têm a oportunidade de se envolver em projetos de pesquisa durante a graduação.

Após a aprovação e o ingresso em curso de pós-graduação, o mestrando ou doutorando passa a estabelecer relações com outros sujeitos, interlocutores e parceiros. Desse modo, sua formação como sujeito pesquisador, nesse contexto, não acontece de forma solitária ou isolada (SEVERINO, 2009). Além do contato com leituras, professores e colegas de turma, o pós-graduando passa a contar com alguém que o acompanha em todo o percurso da pesquisa: o orientador acadêmico (MARQUES, 2012). Nesse sentido, o orientador é a figura que passa a direcionar o orientando em seu percurso de pesquisa e a se constituir como um copartícipe do processo de formação do pós-graduando como sujeito pesquisador.

De acordo com Severino (2012, p. 92), “a função do orientador deveria ser aquela de um educador, cuja experiência, mais amadurecida, compartilha com o orientando, num processo conjunto de construção de conhecimento”, constituindo-se, assim, em “[...] alguém que acompanha os passos de seu orientando, um leitor, não alguém que escreva-pesquise em lugar do aprendiz, nem alguém que o convoque para o trabalho alheio” (MARQUES, 2012, p. 240). Os sujeitos envolvidos nessa experiência de formação na pós-graduação devem estar conscientes de que a orientação é uma relação na qual há um “[...] intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes” (SEVERINO, 2012, p. 92).

A formação do pesquisador no contexto da pós-graduação vai muito além do cumprimento da exigência de desenvolvimento da pesquisa e da escrita de um trabalho de conclusão de curso, como salienta Setubal (2002). Sob essa ótica, a vivência na pós-graduação cumpre um papel muito importante no desenvolvimento de um conjunto de habilidades que serão essenciais na vida de um pesquisador profissional. No decorrer da experiência, o orientador é aquele sujeito que deve oferecer possibilidades para a construção da pesquisa, o desenvolvimento criativo e do olhar crítico do pós-graduando, bem como instigá-lo e orientá-lo no desenvolvimento da pesquisa, segundo Severino (2009). Desse modo, o orientando não pode ser considerado um mero receptáculo das direções e

dos interesses de pesquisa do seu orientador, mas como um ser pensante e transformador, que tem iniciativa, que investiga e questiona as formas de produção de conhecimento (SETUBAL, 2002). No contexto da pós-graduação brasileira, no entanto, com as múltiplas exigências impostas a docentes e discentes, as condições nem sempre são as mais propícias ou desejáveis para o pleno desenvolvimento da produção do conhecimento científico pelo pesquisador em formação, como observado por Bessa (2017).

Mesmo assim, espera-se que, ao longo desse processo de formação do pesquisador, o pós-graduando conquiste, paulatinamente, um maior grau de autonomia, até chegar um momento em que o orientador passa da condição de “auxiliar em um processo de desconstrução de certezas” a de “apoiar a construção de uma tese na busca de novas perspectivas” (BETTY; GAGLIARDI, 2010, p. 89).

Quanto aos papéis e funções de orientador e orientando, compete ao orientador, dentre outras atribuições, encaminhar leituras, realizar encontros de orientação, planejar a pesquisa junto com o orientando, acompanhar a escrita do texto de pesquisa e participar dos exames de qualificação e defesa do trabalho resultante da pesquisa. Há também a expectativa de que o orientador atue como: “1) diretor de trabalhos; 2) leitor; 3) coautor; 4) revisor; 5) agente do real” (RIOLFI; ANDRADE, 2009, p. 2). Isso reforça a compreensão de que a orientação na pós-graduação é, inegavelmente, uma das práticas das mais difíceis e de alta responsabilidade para aquele que assume a condição de orientador (ARENAS, 2018).

Quanto ao orientando, por sua vez, espera-se que ele vá “[...] conquistando progressivamente sua maturidade, segurança e autonomia para o exercício de sua criatividade” (SEVERINO, 2012, p. 92, supressão nossa). Espera-se, também, que ele esteja sempre aberto para receber as contribuições do orientador e considerá-las – o que não significa, uma obrigatoriedade de acatá-las integralmente –; que desenvolva o espírito de investigação de forma autônoma; que se envolva com atividades do grupo de pesquisa e em eventos acadêmicos; e que se comprometa com a produção de um trabalho de qualidade e relevante para a área de estudo (SEVERINO, 2009; CONTI; SILVA, 2010).

Dada a importância de uma convivência saudável no percurso da pós-graduação, é fundamental evocar aqui a discussão sobre a relação estabelecida entre orientador e orientando. Como em qualquer relação entre seres humanos, a relação de orientação na pós-graduação nem sempre é harmoniosa e tranquila, podendo, em alguns casos, ser marcada por intensos conflitos (CONTI; SILVA, 2010), inclusive de ordem interpessoal. Tais conflitos podem influenciar não apenas na percepção do orientando sobre a figura do orientador, mas também sobre a própria pesquisa, o que, muitas vezes, tende a prejudicar tanto o desenvolvimento da investigação quanto a qualidade das produções desenvolvidas pelo orientando (SEVERINO, 2012). Para Soares e Luchese (2014), por sua vez, um ambiente de troca, diálogo e respeito favorece experiências significativas na iniciação/formação do sujeito pesquisador.

Compreendemos, portanto, que, para além das responsabilidades intrínsecas à realização da pesquisa e ao desenvolvimento do trabalho final, é fundamental que orientador e orientando compartilhem de um ambiente de formação que favoreça uma relação de respeito, compreensão e confiança mútua. Logo, uma relação de cumplicidade e partilha entre orientador e orientando influenciará diretamente o potencial de crescimento do pós-graduando e o desenvolvimento de uma pesquisa de qualidade (BRUNO, 2019).

### 3. Metodologia

Esta pesquisa assume a perspectiva da *epistemologia das ciências humanas*, depreendida das reflexões de Bakhtin (2017). De acordo com esse modo de compreender a construção de conhecimentos, o pesquisador desempenha um papel ativo no processo de investigação, que é o de colocar em cena gestos interpretativos mediante contínua atribuição de sentidos (FARACO, 2009). Dessa forma, caracterizamos este estudo como de natureza interpretativa, pois, como observa Amorim (2016, p. 21), “o trabalho do pensamento em ciências humanas é sempre convocado por uma dimensão interpretativa”.

Em relação à abordagem metodológica, caracterizamos o presente estudo como de viés qualitativo, uma vez que lidamos com textos/enunciados e buscamos, no cotejo de textos e contextos, construir compreensões em relação aos sentidos expressos nos enunciados selecionados, sem nos comprometer com qualquer intenção de quantificar ou generalizar resultados (LAVILLE; DIONNE, 1999).

O *corpus* de análise é constituído por 165 (cento e sessenta e cinco) comentários *on-line* que abordam a atividade de orientação na Pós-graduação, selecionados de quatro postagens do *Blog Pós-graduando*. Para os propósitos deste estudo, escolhemos 8 (oito) desses comentários para ilustrar as cateogrias de análise construídas. Optamos pelo *Blog Pós-graduando* por ser um espaço reconhecido dos pós-graduandos do país<sup>4</sup> e representativo da diversidade de áreas do conhecimento, além de oferecer uma variedade de conteúdos relativos ao ambiente científico. Ressaltamos que nosso estudo buscou contemplar a pluralidade de perspectivas e sentidos sobre a figura do orientador nas diversas áreas do conhecimento da pós-graduação *stricto sensu* do Brasil, sem nos restringir a uma área em específico.

Quanto ao *corpus* da pesquisa, os comentários *on-line* selecionados apresentam-se de maneiras diversas, uns sob a forma de relatos, outros sob a forma de narrativas; alguns são mais extensos, outros mais breves. Além disso, há comentários que respondem diretamente ao conteúdo de uma postagem específica feita no *blog* por algum pós-graduando, enquanto outros respondem a comentário anterior da postagem, complementando-o, concordando ou discordando, etc, revelando assim o horizonte apreciativo/valorativo, o caráter opinativo e a natureza responsiva próprios desse gênero (REMENCHE; ROHLING, 2016; SÁNCHEZ-VILLAR, 2019).

<sup>4</sup> O *blog* estima, em sua página inicial, que tem “uma audiência de meio milhão de leitores únicos e 2,5 milhões de visualizações de páginas por mês”. Disponível em: <https://posgraduando.com/colaboracoes/>. Acesso em: 14 out. 2022.

Partindo da compreensão de que, nos comentários *on-line* do *blog*, os sujeitos não só expressam uma opinião sobre a temática tratada na postagem, mas também manifestam novas matizes de sentidos para as trocas interativas, selecionamos 4 (quatro) postagens sobre a atividade de orientação na pós-graduação e realizamos uma leitura atenta dessas postagens e dos comentários relacionados a elas. Para selecionar o *corpus*, procuramos identificar inicialmente os comentários que abordavam especificamente a atividade de orientação, e, em seguida, selecionamos aqueles que tratavam da influência do orientador. Após essa etapa, realizamos leituras e releituras do *corpus* para identificar as posições dos pós-graduandos em relação à influência do orientador. Em seguida, agrupamos essas posições em categorias analíticas e procedemos à descrição, análise e interpretação dessas categorias, conforme apresentado na próxima seção.

É importante destacar que alguns desses perfis parecem revelar os nomes verdadeiros de pós-graduandos enquanto outros claramente utilizam nomes fictícios ou são perfis anônimos. Para preservar as identidades daqueles que, possivelmente, manifestaram suas identidades, optamos por renomear todos os perfis dos comentários selecionados para exame, utilizando nomes fictícios, mais especificamente os primeiros nomes de importantes poetas, poetisas e romancistas da literatura brasileira.

#### **4. A influência do orientador na formação do sujeito pesquisador: representações de pós-graduandos em comentários *on-line* do *blog Pós-graduando***

Orientados pela perspectiva dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, concentramos nossa atenção, nesta seção, na análise de representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do sujeito pesquisador no contexto da pós-graduação. Para cumprir o objetivo proposto, examinamos os posicionamentos axiológicos assumidos por pós-graduandos no gênero comentário *on-line* em postagens do *Blog Pós-graduando*.

Embora os pós-graduandos manifestam, em seus comentários, posicionamentos axiológicos que expressam significações sobre aspectos diversos das vivências e experiências na pós-graduação, nosso foco de interesse neste trabalho recai especificamente sobre aqueles que se reportam à influência do orientador na formação do pesquisador.

A análise interpretativa do conjunto de comentários *on-line* que constituem o *corpus* de nosso estudo permitiu-nos sistematizar as representações construídas pelos pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do sujeito pesquisador em 4 (quatro) categorias, quais sejam: a) influência do orientador na (re)definição do tema de pesquisa; b) influência do orientador na escrita do texto científico; c) influência do orientador nos exames de qualificação e/ou defesa de dissertação ou tese; d) influência do orientador na permanência do orientando na pós-graduação ou de sua desistência dela. A análise a seguir percorre o exame de cada uma dessas representações identificadas. Para tanto, retomamos, ao longo da análise que segue, 2 (dois) comentários como excertos para ilustrar e explorar cada uma delas. Passemos, então, ao exame de tais representações.

### **a) influência do orientador na (re)definição do tema de pesquisa**

A definição do tema de pesquisa costuma ser, via de regra, um momento decisivo para os rumos de uma investigação a ser desenvolvida de forma bem-sucedida. Não sem frequência, pós-graduandos enfrentam enormes dificuldades na superação dessa fase, sobretudo quando se veem confrontados com a necessidade de repensar sua proposta inicial de pesquisa ou mesmo quando solicitados, pelo orientador, a modificar, parcial ou completamente, o foco de sua investigação. Essas configurações complexas que envolvem a (re)definição do tema de pesquisa são refratos nos posicionamentos expressos pelos pós-graduandos em seus comentários no *blog*, conforme ilustrado a seguir:

Excerto 01

*Cecília 17.05.12 em 18:32 – Responder*  
*meu orientador [...] disse que eu podia escolher o tema do trabalho ele é mt bom msm hehe (supressão nossa)*

Excerto 02

*Clarice 29.08.12 em 16:36 - Responder*  
*Aaahh também não assim. Tive uma orientadora que também já me mandou para casa descansar e relaxar várias vezes. Quanto ao tema do projeto, isso nem tanto, mas ela me deu espaço para explorar outras coisas no meu tempo “livre”.*

Nos dois comentários acima, podemos perceber que a relação do orientador com os orientandos quanto à definição do tema de pesquisa é marcada por uma construção que vai ao encontro dos interesses do orientando. O orientador preza pela liberdade de escolha do tema pelo orientando e dá espaço para que este trace os caminhos de sua investigação. Observamos, assim, que, por um lado, há, nos dizeres dos pós-graduandos, uma voz que ressalta o aspecto positivo de não haver imposição por parte do orientador, o que poderia levar o pós-graduando a tratar de temáticas que ele desconhecesse e resultar em dificuldades para a realização da pesquisa. Por outro lado, há a voz que acentua a liberdade do pós-graduando para decidir sobre o que pretende pesquisar, que pode ser interpretado como uma indicação de desinteresse em relação à investigação do orientando, o que, por vezes, resulta no retardamento do início e no desenrolar da pesquisa.

Em 01, o pós-graduando acentua valorativamente que a postura adotada pelo orientador não é daquele sujeito que auxilia na escolha do tema, mas de alguém que se isenta da responsabilidade de estabelecer diálogos e de construir, conjuntamente, a proposta de pesquisa a ser desenvolvida. No entanto, a postura de liberdade assumida pelo orientador é valorada de forma negativa pelo orientando, com certo tom de deboche, quando expressa, no seguinte trecho, os dizeres: “*ele é mt bom msm hehe*”.

Em 02, por sua vez, a pós-graduanda ressalta a preocupação da orientadora com a sua saúde mental, valorizando o lado compreensivo e flexível dela: “*Tive uma orientadora que também já me mandou para casa descansar e relaxar várias vezes*”. Embora a pós-graduanda expresse que a orientadora demonstra uma atenção e um zelo por sua saúde mental, é possível perceber a ênfase de que a flexibilidade da orientadora não se estende à escolha do tema da pesquisa.

Como expressam os dizeres de 02, embora reconheça que a sua orientadora lhe concede liberdade para outras atividades e para o descanso, a orientanda acentua que sua orientadora não deixa de apontar a necessidade de se ter um certo compromisso com o tema da pesquisa, o que indica que há uma preocupação por parte dela de acompanhar e auxiliar a sua orientanda nesse percurso de desvendar o tema da investigação. Em certo sentido, denota-se que o orientador assume também a função de um terapeuta, como podemos ver expresso nos “encaminhamentos” dados na seguinte passagem: “*mandar para casa para descansar e relaxar*” e “*explorar outras coisa no meu tempo ‘livre’*”.

Em resumo, observamos que, como a expectativa é que o orientador auxilie o seu orientando “[...] esclarecendo caminhos, clareando propostas e desvelando pontos fracos” (BIANCHETTI; MACHADO, 2012, p. 93, supressão nossa), a flexibilidade na escolha do tema pode ser interpretada como descaso ou falta de compromisso por parte do orientador em relação à pesquisa do orientando, especialmente considerando que o pós-graduando está em uma fase de construção progressiva de sua autonomia (SEVERINO, 2012). Assim, deixá-lo à própria sorte, nessa fase crucial do percurso de formação pode comprometer o trabalho a ser desenvolvido e seus resultados.

#### ***b) influência do orientador na escrita do texto de pesquisa***

Vários estudos (CARLINO, 2005; MACHADO; BIANCHETTI, 2012; BESSA, 2017, 2016; CRUZ, 2020; BRAMBILA, 2021; dentre outros) têm demonstrado dificuldades, obstáculos e desconfortos diversos enfrentados por estudantes na escrita científica durante a pós-graduação *stricto sensu*. Muitos desses estudos destacam que a fase da escrita da dissertação ou da tese frequentemente está associada a problemas de saúde mental, dificuldades de relacionamento com orientador e até mesmo pode ser citada como motivo para a desistência do curso por parte do pós-graduando.

Apesar desse cenário desafiador, é amplamente reconhecido que o acompanhamento da escrita do texto de pesquisa configura-se como uma das importantes atribuições do orientador na pós-graduação. Sua experiência como interlocutor qualificado confere-lhe a capacidade de oferecer uma leitura crítica e atenta, tornando-o um leitor indispensável no desenvolvimento do trabalho do orientando (MARQUES, 2012). Nesse sentido, o comprometimento ou não do orientador com o acompanhamento e a leitura do texto que está sendo produzido constitui um fator que influencia diretamente no texto de pesquisa do pós-graduando, seja negativamente, seja positivamente, como apontam os comentários a seguir:

## Excerto 03

*Graciliano 09.06.19 em 14:44 - Responder*

*Estou em caso muito parecido. Dissertação com seus dados entregues a mais de 6 meses, telefonando, mandando e-mail, Whats, indo até o gabinete (2,5h de deslocamento), e nada de ele ler a dissertação... Depois de muito tempo, ele resolveu ler, fez correções de texto basicamente, mas discussão teórica acerca dos resultados? Nada, pouquíssima coisa... Algumas dicas que consegui foi colegas do PPG, basicamente, e na última semana que o professor resolveu de "orientar" algo e esta orientação dele, teria mudado vários caminhos que segui se tivesse sido dada a 10 meses atrás quando estava no meio da pesquisa (ou ao menos, a 6 meses quando entreguei a pesquisa pronta à ele)...*

*Agora estou com a defesa marcada, morrendo de medo do que possa acontecer. Tenho resultados? É claro que tenho. Aprendi MUITA coisa no meio do caminho (inclusive como realizar pesquisa, aos trancos e barrancos), mas o resultado poderia ter sido melhor, se a orientação tivesse sido mais pontual e direcionada aos tópicos da pesquisa.*

*Espero passar, pq se algum dia puder ser orientador de alguém, pretendo fazer as coisas de forma muito diferente.*

## Excerto 04

*Machado 30.07.12 em 16:58 – Responder*

*Minha orientadora é um sonho, juro que ela já me disse: Suas citações não estão na regra da ABNT, eu te ensinarei o correto. Mas para sua dissertação deixa que eu mudo pois tenho mais familiaridade.*

Os comentários 03 e 04 destacam duas perspectivas distintas sobre a relação entre orientador e orientando durante o desenvolvimento da escrita do texto de pesquisa na pós-graduação. Enquanto 03 reverbera uma crítica severa à postura do orientador, apontando a falta de comprometimento com uma efetiva atividade de orientação no desenvolvimento da escrita do texto da dissertação, 04 reverbera uma posição muito elogiosa em relação ao acompanhamento do texto por sua orientadora, enfatizando uma postura além do esperado, inclusive em tarefas não tradicionalmente atribuídas a um orientador, como ajustes nas citações conforme normas da ABNT.

O comentário de 03 expressa um desalento e uma decepção com o processo de orientação devido à falta de compromisso do orientador com um acompanhamento mais efetivo durante a escrita do texto da dissertação. Os dizeres expressos dão ênfase, por um lado, ao esforço do orientando no cumprimento de prazos e, por outro lado, à falta de pontualidade no retorno de correções do texto e até mesmo de orientações que poderiam modificar o curso da investigação. É possível observar ainda que o orientando avalia negativamente o fato de o orientador fazer uma leitura mais superficial de seu texto, quando diz que *“resolveu ler, fez correções de texto basicamente, mas discussão teórica acerca dos resultados? Nada, pouquíssima coisa...”*.

O tom de decepção com a postura do orientador e de temor em relação ao desfecho do trabalho expresso pelo orientando refrata a compreensão de que a postura do orientador não contribuiu dentro das expectativas e possibilidades da atividade de orientação, uma vez que se limitou mais à realização de correções pontuais, especificamente de ordem da textualidade. Em situações como essa, o orientador atua, na verdade, como uma espécie de revisor textual e não como leitor, conforme caracterização de Riolfi e Andrade (2009). Fica clara, no comentário 03, a queixa do orientando em relação a diversas posturas que ele avalia serem incompatíveis com a condição de um orientador comprometido com a prática da pesquisa na pós-graduação.

Por outro lado, o comentário 04 reverbera uma tonalidade de aprovação e satisfação com a orientadora, que se mostra presente disponível para ensinar até mesmo aspectos como citações, além de efetuar correções relacionadas a elas no texto da dissertação. O orientando não tem queixas quanto ao acompanhamento oferecido pela orientadora, indicando um alto nível de envolvimento e comprometimento com o processo de escrita.

Em síntese, esses comentários acentuam que a qualidade da experiência de escrita durante a pós-graduação está diretamente relacionada ao nível de comprometimento e envolvimento do orientador com o acompanhamento efetivo do orientando. Enquanto a falta de compromisso do orientador pode gerar descontentamento e temores quanto ao resultado final do trabalho, um orientador presente e dedicado pode contribuir significativamente para o êxito e a satisfação do orientando durante o processo de escrita da dissertação ou tese.

### ***c) influência do orientador nos exames de qualificação e/ou de defesa de dissertação ou tese***

O exame de qualificação e a defesa da dissertação ou da tese são momentos cruciais do ritual da pós-graduação. No primeiro momento, o da qualificação, o pós-graduando é submetido à avaliação de uma banca examinadora para receber contribuições e apontamentos, com vistas ao aprofundamento e à melhoria da pesquisa e do texto dela decorrente (SEVERINO, 2012). Passada essa etapa, o pós-graduando deverá realizar as alterações e modificações necessárias, partindo para o momento final, isto é, o exame de defesa do trabalho. Nesse segundo momento, o pós-graduando estará, mais uma vez, sob os olhares e as avaliações de uma banca de avaliadores constituída por pesquisadores experientes, cujas apreciações serão decisivas para aprovação ou não do trabalho e para conferir ou não o título de mestre ou doutor (BETTY; GAGLIARDI, 2010).

Essas etapas, muito mais do que um importante ritual do ambiente acadêmico e da pós-graduação, podem ser tomados como momentos de grande aprendizado e do próprio processo de formação na pós-graduação. A experiência de formação nesses dois momentos pode, contudo, ser tanto positiva como negativa, a depender, por exemplo, da constituição e composição dos membros das bancas, principalmente quando as escolhas desses membros pelo orientador não são adequadas ou quando a área de formação de algum examinador não está alinhada com a temática do trabalho que está sendo desenvolvido, como suscitam os dizeres expressos nos dois comentários a seguir.

Excerto 05

*Marina 22.06.15 em 22:41 - Responder*  
*Passei a vergonha da minha vida na minha qualificação de mestrado.*  
*Meu orientador não corrigiu e ainda convidou uma professora que fez questão de me humilhar terrivelmente na frente da banca e de todos que assistiam.*

## Excerto 06

Mário 03.12.16 em 08:33 - Responder

*No meu caso fui reprovado na qualificação de doutorado, mas posso defender novamente... Meu orientador indicou 6 membros que não tinham vínculo comigo, mas que eram da mesma área... O departamento não aceitou a banca e colocou pessoas relacionadas à chefia (política)!!! Enfim, fui reprovado por uma banca que não concordava com meu delineamento e metodologias, pelo simples fato de não entenderem o que eu estava fazendo!!!*

Os comentários 05 e 06 refletem as queixas de pós-graduandos sobre suas experiências em exames de qualificação, de mestrado e doutorado, respectivamente. Seus dizeres expressam valorações negativas por diferentes motivações, mas diretamente relacionadas à composição das bancas examinadoras. No comentário 05, fica evidente a tonalidade de desaprovação e revolta da pós-graduanda em relação ao seu orientador pelo fato dele ter convidado um examinador que, segundo seu ponto de vista avaliativo, em vez de contribuir com o trabalho, tratou de humilhá-la “*terrivelmente*”, não somente diante da banca, mas também de todos os demais que assistiam o exame de qualificação.

Já no comentário de 06, por sua vez, não se expressa uma responsabilização por parte do orientando com relação à postura do orientador quando da indicação dos membros que compuseram a banca de qualificação de seu pesquisa de doutorado, uma vez que estes seriam especialistas da sua área de formação. Expressa-se, contudo, um tom de revolta do pós-graduando quanto à posição do “*departamento*” de não ter aceito as indicações do seu orientador para composição da banca de qualificação, optando, em vez disso, por “*pessoas relacionadas à chefia (política)!!!*”. O desencanto do pós-graduando se acentua em virtude de ter sido reprovado no exame de qualificação de seu doutorado por uma banca cuja formação seria incompatível com o foco de sua proposta de pesquisa, já que os membros *não entendiam a proposta do seu trabalho e não concordavam com o delineamento e metodologias de sua pesquisa*.

Os dizeres desses pós-graduandos reverberam queixas não tão estranhas a nós que estamos na cena da pós-graduação brasileira, já que são conhecidos de muitos de nós os relatos de que exames de qualificação e de defesa de dissertações e teses, que se concebem como espaços de aprendizado, acabam, algumas vezes, tornando-se momentos pouco proveitosos para o amadurecimento do pós-graduando e o aprofundamento da pesquisa, principalmente quando examinadores desconhecem a temática da pesquisa do pós-graduando ou quando se limitam a desmerecer o trabalho ou até mesmo a “humilhar” o pós-graduando, como acentuam outros comentários do nosso *corpus*.

Esses comentários reverberam a compreensão de que a ação e influência do orientador na escolha dos membros das bancas examinadoras constituem elementos decisivos para evitar que os momentos de qualificação e de defesa de dissertações e teses se tornem experiências traumáticas e, ao invés disso, sejam oportunidades de aprendizado e de interlocuções produtivas para o trabalho de pesquisa em desenvolvimento e enriquecedoras para a formação do pós-graduando.

**d) influência do orientador na permanência do orientando na pós-graduação ou de sua desistência dela**

Como vimos na seção 3 deste trabalho, uma experiência tranquila e exitosa na pós-graduação está, em grande medida, relacionada à atividade de orientação desenvolvida e ao tipo de relação que orientador e orientando estabelecem no percurso da investigação. Nesse sentido, podemos dizer que as ações do orientador exercem influência sobre a permanência ou não do orientando do percurso de sua formação como pesquisador, conforme apontam os comentários seguintes:

## Excerto 07

*30 Ferreira 17.05.17 em 14:50 - Responder Boa tarde!  
Desculpe por “ressuscitar” o tópico, mas estou tendo sérios problemas.  
Vou abandonar o mestrado. O principal motivo acabou sendo meu orientador e estou com medo de estar sendo infantil, não que minha ideia de abandonar o curso no final vá mudar. Mas quero uma opinião de fora sobre o assunto.  
Fui “aconselhado” a abandonar minha tese que estava ligada a identificação dos problemas das áreas carentes da minha cidade e defender o assunto sobre como funcionam as grandes empreiteiras da cidade ou não teria orientação. [...]*

## Excerto 08

*João Cabral 23.08.15 em 11:52 – Responder  
Estou começando minha dissertação agora, e bom já passei por isso, me perguntei o que eu estava no Mestrado haha, mas bem, eu tenho um propósito e por ser um aluno mais devagar que os demais pois sou o único tecnólogo no meio de engenheiros. É interessante expor isso aí que está nos eu texto, eu tive vontade de desistir na primeira matéria, e desde já percebi que no mestrado o relacionamento com os professores do curso e com o próprio orientador que foi o meu primeiro professor, é bem melhor que na graduação o que facilita demais a sua vida, os professores se dispõem a me ajudar, e tenho uma equipe de professores que podem me ajudar na dissertação, todos eles já me passaram material, contatos e tudo mais. Mas eles sempre dizem é muito mais fácil quando o aluno quer fazer e tem ideia do que quer. Eu me sinto no dever de terminar o mestrado por todo apoio que venho recebendo, a vida de pós graduando passou de inferno, para um paraíso com flores com espinhos que devemos aprender a caminha entre elas.*

No comentário 07, o pós-graduando expressa um sentimento de angústia quanto à experiência da pós-graduação e à perspectiva de abandono do curso. Ele coloca acento valorativo no “direcionamento” do orientador para uma mudança de temática da pesquisa como a motivação para sua desistência do mestrado. O uso do termo *aconselhado*, marcado com aspas, sugere que a mudança de temática de pesquisa da tese não ocorreu de forma consensual entre orientador e orientando, mas sim de forma impositiva pelo orientador.

Se no comentário 07 o orientador é apontado como o principal motivo para que o pós-graduando expresse sua intenção de desistir do curso, no comentário 08, a relação positiva que o pós-graduando estabelece com o seu orientador (e com a equipe de professores do programa) é valorada como um elemento facilitador para sua intenção de continuar e finalizar o curso, apesar de reconhecer as dificuldades encontradas no “caminho”. Nesse contexto, o enunciador enfatiza o quão determinante é para o andamento da pesquisa o pós-graduando ser um sujeito ativo e consicente de suas responsabilidades com a concepção e execução de sua proposta de investigação: “*Mas eles sempre dizem é muito mais fácil quando o aluno quer fazer e tem ideia do que quer*”.

Observamos, assim, a importância do estabelecimento de uma relação harmônica e construtiva com outros parceiros e, principalmente, com o orientador do trabalho no percurso da experiência de formação na pós-graduação. Ter, portanto, um orientador que acompanha o trabalho, que se interessa pela investigação do orientando e que com este estabelece uma parceria efetiva constitui uma mola propulsora para que o pós-graduando permaneça e finalize o curso, como depreendemos do comentário 08.

Como mostram as análises, o orientador é significado, na voz dos pós-graduandos, como uma figura decisiva no processo de construção do conhecimento e de formação no contexto da pós-graduação, sendo suas ações e práticas valoradas como essenciais para uma experiência de pesquisa e de formação de qualidade. Além disso, um acompanhamento efetivo, a parceria e o estabelecimento de relações harmônicas e construtivas entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando desenvolva uma pesquisa bem-sucedida e produza um trabalho de qualidade, bem como para que ele não enfrente tantos problemas de saúde mental ou acabe encontrando, como saída, a desistência do curso.

## Conclusão

Seguindo uma perspectiva de investigações que temos desenvolvido sobre práticas, discursos e significações acerca da atividade de orientação no contexto da pós-graduação, objetivamos, neste trabalho, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação. Nesse sentido, ancorados em princípios dos estudos dialógicos da linguagem do Círculo de Bakhtin, concentramos nosso foco na análise de posicionamentos axiológicos assumidos por pós-graduandos em comentários *on-line* de postagens do *Blog Pós-graduando*.

Na análise dos comentários selecionados, pudemos observar que os pós-graduandos expressam posicionamentos valorativos nos quais enfatizam que a atuação e o papel do orientador são decisivos para uma experiência de pesquisa bem-sucedida e até mesmo para a permanência deles no curso de pós-graduação. Os dizeres dos pós-graduandos reverberam que o orientador influencia decisivamente a formação do pós-graduando quando ele acompanha de forma efetiva o orientando na (re)definição do tema de pesquisa, na escrita do texto científico, nos exames de qualificação e/ou de defesa de dissertação ou tese e ainda quando oferece condições para que o mestrando ou doutorando não desista do curso.

A escuta das vozes dos pós-graduandos mostrou, por fim, que um acompanhamento efetivo, a parceria e o estabelecimento de relações harmônicas e construtivas entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando desenvolva uma pesquisa bem-sucedida e construa uma relação positiva com o orientador e com a própria formação como pesquisador no decorrer da experiência na pós-graduação. Além disso, a escuta dessas vozes indica que os posicionamentos e as representações sobre a influência do orientador sinalizam experiências

e vicências compartilhadas por esses sujeitos e, ao mesmo tempo, revelam o caráter singular das relações estabelecidas entre orientador e orientando durante o desenvolvimento das pesquisas na pós-graduação.

Esses resultados indicam, por fim, que a construção de um ambiente menos hostil e mais acolhedor seja, conforme o coro de vozes escutadas, um caminho para experiências de formação na pós-graduação mais exitosas. Afastando-se, portanto, da ideia de se pensar um possível “orientador ideal”, nosso estudo sinaliza que contribuir para melhorar as relações entre orientadores e orientandos e criar espaços de discussão sobre a orientação na pós-graduação e acerca de funções e atribuições de cada um desses atores podem ser caminhos que venham a colaborar significativamente para o desenvolvimento de pesquisas, com cada vez mais qualidade, e a formação dos jovens pesquisadores nesse contexto.

## Referências

AMORIM, Marília dos Santos. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta. (orgs.). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. pp. 17-46.

ARENAS, Judith Licea de. *Cómo asesorar una tesis*. Ciudad de México: Didaktikós, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: A estilística*. Prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAMBILA, Guilherme. Experiências com a escrita na pós-graduação brasileira: uma proposta de diálogo com os letramentos acadêmicos. *Linguagem & Ensino*, v. 22, n. 3, pp. 791-808, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16666>. Acesso em: 1 dez. 2022.

BESSA, Cezinaldo Rocha. *Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores*. 2016. 385 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), São Paulo, 2016.

BESSA, Cezinaldo Rocha. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. *Raído*, v. 12, n. 27, pp. 23-41, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5647/3727>. Acesso em: 8 mar. 2024.

BETTY, Christine Barbosa; GAGLIARDE, Márcia. Processo de Orientação de Teses e Dissertações em Educação. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleilton de. (orgs.). *Orientadores em foco*. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. pp. 85-121.

Representações sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação: uma análise em perspectiva dialógica de comentários *on-line* de pós-graduandos

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis/São Paulo: Cortez/Editora da UFSC, 2002.

BIANCHETTI, Lucídio. O processo da escrita: elementos inibidores. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. (orgs.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. 2. ed. Campinas SP: Papirus, 2012. pp. 239-65.

BIANCHETTI, Lucídio. Da pós-graduação as escritas sobre orientações de dissertações e teses: uma entrevista com Lucídio Bianchetti. *Reflexão e Ação*, v. 26, n. 3, pp. 181-93, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/12856> . Acesso em: 1 dez. 2022.

BRUNO, Adriana Rocha. Processos de investigação: trilhas e ideias sobre ser orientando/a e ser orientador/a. *Educ. foco*, v. 24, n. 1, pp. 24-40, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/26027> . Acesso em: 1 dez. 2022.

CARLINO, Paula. ¿Por qué no se completan las tesis en los postgrados? Obstáculos percibidos por maestrandos em curso y magistri exitosos. *Educere*, v. 9, n. 30, pp. 415-20, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35603020> . Acesso em: 1 dez. 2022.

CONTI, Clícia A. M.; SILVA, Jaci Lima da. Principais desafios da orientação: condições institucionais e relações interpessoais. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleilton de. (orgs.). *Orientadores em foco*. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. pp. 141-83.

COSTA, Luiz Rosalvo. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin e os embates no discurso da divulgação científica da revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

CRUZ, Robson. *Bloqueio da escrita acadêmica: caminhos para escrever com conforto e sentido*. Belo Horizonte, Artesã, 2020.

FALASTER, Christian; FERREIRA, Manuel Portugal; GOUVEA, Daniela Modolo Ribeiro de. O efeito da publicação científica do orientador na publicação dos seus orientados. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 4, pp. 458-80, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/jCTLHrYwqkbTVffRWp9csCc/#> . Acesso em: 1 dez. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Parábola Editorial, 2009.

LAVILLE, Christin; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. A orientação da pesquisa nos programas de pós-graduação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 235-42.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. 1. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, Nívea. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário *on-line*: uma escuta dialógica. *Fórum linguístico*, v. 13, n. 3, pp. 1460-75, jul./ set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n3p1460>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RIOLFI, Claudia Rossi; ANDRADE, Emary. Ensinar a escrever o texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 48, n. 1, pp. 99-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/YpnW7TtN4J3bkZV3M7n5gvp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SÁNCHEZ-VILLAR, Juan Maria. Los *blogs* como herramientas sociales de comunicación política: periodismo ciudadano y opinión pública 2.0. *Communication & Society*, v. 32, n. 1, pp. 39-55, 2019. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/37812>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SETUBAL, Agliar Alencar. *Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 26, pp. 13-27, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189115658002.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 82-101.

SILVA, Nara Karolina de Oliveira. *Significações sobre a atividade de orientação na pós-graduação: uma análise dialógica de comentários on-line de pós-graduandos*. 2021. 288 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; LUCHESE, Terciane Ângela. Alquimia da escrita acadêmica: o mestrado como cenário para a iniciação de pesquisadores em educação. In: OLIVEIRA, Adriano de; ARAÚJO, Emília Rodrigues; BIANCHETTI, Lucídio (org.). *Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/ pesquisa/ autoria e a orientação*. Editoras: CECS - Braga/ Portugal, CED - Florianópolis-SC, Brasil, 2014. pp. 35-48.

SOUZA, Renato Santos de. Normose acadêmica: como superar a ‘doença da normalidade’ na Universidade. *Avaliação*, v. 24, n. 2, pp. 451-74, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/WvmZB7X3mN4chHTHx8PdpNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.